

CHAMAR A RÚSSIA DE ESTADO FRACO COM “MILITARES LIXO” É UM ERRO

Por Daniel L. Davis*



Caça Su-34 da Força Aérea Russa (Creative Commons).

Ao continuar a fazer políticas com base em muito pouco conhecimento e muita arrogância, os EUA jogam um jogo perigoso – uma verdadeira roleta russa.

Os EUA estão subestimando a Rússia? Nós, ocidentais, muitas vezes nos imaginamos como tendo as forças armadas mais brilhantes, experientes e capazes do mundo. Nos Estados Unidos, acreditamos que nosso poderio econômico, apoiado por nosso *status* de maior produtor de petróleo do mundo, nos permite dominar todas as regiões do globo. No entanto, sob a superfície, há um perigo crescente para os EUA que poucos reconhecem: confiança desinformada, falta de conhecimento e arrogância perigosa.

O antigo estrategista militar chinês Sun Tzu escreveu: “Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você conhece a si mesmo, mas não conhece o inimigo, para cada vitória conquistada, você também sofrerá uma derrota. Se você não conhece o inimigo nem a si mesmo, sucumbirá em todas as batalhas.” Os EUA sem dúvida sintetizaram a primeira frase após a Segunda Guerra Mundial, alimentando sua ascensão como uma superpotência global; agora correm o risco de incorporar a última frase.

Em alguns casos, nas últimas décadas, os EUA demonstraram genuinamente uma capacidade superior de fazer guerra. No entanto, como costuma acontecer, longos

períodos de sucesso podem produzir, não mais excelência, mas arrogância – e arrogância geralmente leva à preguiça.

Quando eu era um jovem segundo-tenente em 1990, servindo na 2ª Cavalaria dos Estados Unidos patrulhando a fronteira da Guerra Fria entre a Alemanha Oriental e Ocidental, nossos líderes militares eram implacáveis em nos obrigar a estudar nossos potenciais oponentes soviéticos *ad nauseam*. Tivemos que memorizar suas táticas, doutrina e capacidades de todos os principais sistemas de armas.

Nunca tivemos medo do Exército Vermelho, mas tínhamos um respeito muito saudável pelo que milhões de soldados soviéticos e dezenas de milhares de veículos blindados poderiam fazer se guerreássemos contra eles. Conhecer nossas próprias táticas e habilidades, bem como as de nossos supostos inimigos soviéticos, nos deu confiança para acreditar que poderíamos derrotá-los se algum dia houvesse uma guerra. Hoje, seja no corpo militar, diplomático ou na arena política dos EUA, parece haver muito pouco interesse em se esforçar para saber qualquer coisa sobre “o inimigo”.

Ao contrário, atualmente acreditamos que nosso lado é muito superior ao de quase qualquer adversário possível. Nós rotineiramente zombamos, ridicularizamos e condescendemos com o exército russo, descrevendo-os rotineiramente como “incompetentes”, “lixo” e em perigo de “colapso” total. Há pouca evidência de que mais do que uns poucos preciosos no mundo dos *think tanks*, no Capitólio ou na administração – e até mesmo nas Forças Armadas dos EUA – gastam tempo suficiente estudando nosso adversário russo.

Em vez disso, adoramos transformá-los em uma caricatura do lado “maligno”, desprovido de qualquer ponto de vista válido e de pouco mais do que um saco de pancadas da mídia. Buscamos apenas informações sobre a Rússia para confirmar nosso preconceito existente de que eles são perversos para apoiar nosso resultado preferido de que sejam derrotados. Tais atitudes resultam no desenvolvimento de uma avaliação perigosamente imprecisa de nosso oponente. A realidade desta guerra, em contraste, é que não há um lado “bom” e um lado “ruim”, existem apenas os lados ucraniano e russo, cada um com suas próprias forças, fraquezas, falhas e atributos.

Ao nos recusarmos a estudar e entender os russos de forma aberta e honesta, deixamos de nos armar com as informações e conhecimentos necessários para criar políticas que tenham uma chance sólida de obter resultados benéficos para os Estados Unidos. Não é preciso amar a Rússia ou tolerar qualquer coisa que eles tenham feito. Mas ao nos apegarmos à visão arrogante de que a Rússia é um estado fraco, com um exército de lixo, liderado por homens maus, tropeçamos em políticas que podem, por pura ignorância, inadvertidamente produzir resultados contrários aos nossos interesses.

Também não nos conhecemos. Acreditamos que nossa tecnologia militar é a melhor do mundo, e é nossa escolha soberana quanto dela daremos à Ucrânia para alcançar o resultado que desejamos, acreditando que os resultados estão totalmente dentro de nossa capacidade de controle. Acreditamos que podemos administrar à força todos os aspectos econômicos da guerra, pois nos

consideramos suficientemente brilhantes para manipular com um instrumento fino medidas destinadas a prejudicar a Rússia, mas acreditamos que podemos simultaneamente isolar nossos próprios mercados de quaisquer danos ou efeitos nocivos.

Acreditamos que podemos atenuar com sucesso os recursos energéticos da Rússia, mantendo os preços do nosso petróleo que atendam nossas preferências; fazemos o equivalente ao acreditar que podemos drenar uma extremidade de uma piscina para privar nosso vizinho de água enquanto mantemos nossa extremidade cheia. Ao continuar a fazer políticas baseadas em muito pouco conhecimento e muita arrogância, jogamos um jogo muito perigoso de, com o perdão do trocadilho intencional, roleta russa, com a segurança e viabilidade de nossa economia e segurança nacional em jogo.

Na condição em que não conhecemos nem nosso inimigo nem a nós mesmos, estamos caminhando para um resultado ruim – e se levado longe o suficiente, para a catástrofe.

Publicado no [1945](#).

**Daniel L. Davis é tenente-coronel aposentado do Exército dos EUA, tendo sido enviado a zonas de combate quatro vezes. É autor de "The Eleventh Hour in 2020 America".*
